



Empresas de recrutamento internacional têm escritórios em Portugal e estão atentas às ambições de médicos e enfermeiros

Emigração na saúde. Depois do recrutamento francês vem aí o saudita

Agências estão a recrutar mais em Portugal mas uma desistiu por culpa dos candidatos infantis

MARTA F. REIS (Texto)

marta.reis@ionline.pt

PATRICIA DE MELO MOREIRA (Fotos)

fotografia@ionline.pt

O que fazem dois médicos de família, vários enfermeiros, um psiquiatra e meia dúzia de técnicos de radiologia numa sala de espera? Procuram trabalho em França. Ontem foi o último dia de entrevistas em Portugal da ARIME, uma associação francesa de recrutamento de profissionais de saúde. Não por falta de candidaturas – foram mais de mil numa semana –, mas porque têm sessões mar-

cadadas para Bucareste, Sampetersburgo e Atenas, prioridades este ano seguindo a pista do desemprego.

Não vêm com vagas para preencher, mas à procura de candidatos que possam ser chamados a qualquer momento para preencher lacunas em hospitais públicos, privados e instituições em França, de todas as especialidades e idades, explicou ao *i* Sophie Leroy, fundadora da associação, que desde 2006 já colocou 200 profissionais no estrangeiro. Foi o primeiro recrutamento em Portugal e o número de pedidos chegou a ultrapassar os 400 por dia. Além da dimensão

do desemprego, a responsável diz que foi uma surpresa encontrar candidatos de idades tão diferentes: os mais velhos com 70 e 62 anos, um psiquiatra e um cirurgião. Neste regime de pré-recrutamento da ARIME, a espera média por colocação, para os candidatos que preencham os requisitos, é de seis meses. "Ontem disse a um cliente que estávamos em Portugal e ele pediu-me que o informasse se arranjassemos um ergoterapeuta", diz Leroy.

O recrutamento de profissionais de saúde em Portugal, perante a oferta noutros países europeus e não só, não é nova

mas parece estar a apertar. Numa ronda por três empresas de recrutamento na área da saúde (Best Personnel, ProfCo e Crl – Health Job) percebe-se que em 2011 foram colocados pelo menos 170 enfermeiros no estrangeiro e a expectativa é reforçar a actividade em 2012. Segundo dados do Nursing and Midwifery Council, a ordem britânica dos enfermeiros, no ano fiscal 2010/2011 registaram-se no Reino Unido 383 portugueses, mais 172 que no ano anterior. Desde 2008 são 712 (mais uma parteira) e Portugal é já o quarto país de onde chegam mais enfermeiros à saúde britânica, atrás da Irlanda, da Roménia e da Polónia. Já os dados do General Medical Council, o equivalente à Ordem dos Médicos, mostram que o registo de portugueses também tem aumentado: em 2011 registaram-se 64, duas vezes mais que em 2008.

A Best Personnel, com escritórios em Lisboa e no Porto, recebe seis ou sete candidatos por dia. "A maior parte são jovens acabados de formar, que lutam por um primeiro ou segundo emprego. Têm boas hipóteses de encontrar trabalho em unidades de cuidados continuados e paliativos", explica ao *i* Sylwia Markiewicz. Em 2011 colocaram 140 enfermeiros no Reino Unido, na Irlanda, na França e na Bélgica e seis fisioterapeutas nos EUA, profissionais para os quais há cada vez mais vagas. Já a ProfCo enviou o ano passado 20 enfermeiros para a Arábia Saudita, que ultrapassaram com sucesso o período de teste num conjunto de hospitais onde este ano esperam colocar mais 100. Em Março vão entrevistar candida-



Oportunidades

Quatro países com vagas para profissionais de saúde

França: salário a dobrar para um especialista

Segundo a ARIME (Association pour la Recherche et l'Installation de Médecins Européens), nefrologia, cardiologia, pediatria, anesthesiologia, psiquiatria e radiologia são as especialidades clínicas com mais procura em França. Mas as inscrições não estão fechadas: aceitam-se candidaturas de enfermeiros, técnicos e médicos especialistas em medicina geral e familiar. Para se candidatar através desta associação tem de ter o nível de domínio da língua francesa B2 e o teste de aptidão linguística é gratuito nos centros da Alliance Française em todo o país. Depois recomendam-se cursos de aperfeiçoamento linguístico e é obrigatória formação específica em francês aplicado aos cuidados de saúde. Segundo Sophie Leroy, um médico especialista em início de carreira é colocado no 4.º escalão em 13, a ganhar cerca de 4 mil euros líquidos.

Reino Unido: cada vez com mais portugueses

Para aceder à profissão de médico no Reino Unido tem de ser reconhecido pelo regulador, o General Medical Council. No caso de um médico português que já tenha terminado o internato, o processo de registo e obtenção de licença vai custar entre 200 e 400 libras. O candidato vai ter de apresentar os certificados de habilitação, registo criminal e referências de trabalho. Para os enfermeiros o registo tem lugar junto do regulador Nursing & Midwifery Council e o processo custa 110 libras. O diploma de curso ou bacharelato de enfermagem garantem à partida acesso à profissão. Os candidatos devem ter bons conhecimentos de inglês. No serviço público os salários dos enfermeiros variam entre os 13 mil e os 37 mil euros/ano. Os médicos generalistas ganham entre 41 mil e 62 mil euros e os especialistas entre 57 mil e 77 mil euros, dependendo do tempo de serviço.

Arábia Saudita: 54 dias de férias, preferência mulheres

O recrutamento para a Arábia Saudita exige experiência de dois anos na área em causa e fluência em língua inglesa. Recrutam sobretudo mulheres enfermeiras, que têm mais benefícios se forem sozinhas. Patrícia Baptista, enfermeira na Arábia Saudita há seis meses, testemunhou ao i que continua a existir muita oferta, porque os serviços são praticamente assegurados por estrangeiros, sobretudo asiáticos ou europeus do Leste. Os contratos implicam 44 horas de trabalho semanais, com um salário anual isento de impostos a rondar os 39 mil euros para uma enfermeira sem especialização e 44 mil para o profissional especializado. As horas extra são pagas a 150%. O contrato dá direito a 54 dias de férias, que podem ser gozados após três meses de trabalho. Alojamento e contas pagas, à exceção de televisão e internet.

Austrália: procuram-se enfermeiros

Segundo a ProfCo, os hospitais de Sydney são os que mais precisam de enfermeiros, sobretudo porque o serviço de saúde diminuiu recentemente o rácio de enfermeiros de um para seis doentes para um para quatro. O processo de admissão está sujeito também a registo no regulador local e é preciso realizar o teste de aptidão para a língua inglesa IELTS. Os contratos são de 38 horas semanais. Apesar de a empresa sublinhar que não existem muitas regalias, e que o processo envolve custos para os candidatos, os salários para os enfermeiros são atractivos: variam entre os 43,6 mil euros no primeiro ano e os 61,3 mil ao oitavo ano de serviço. Segundo o departamento de imigração do governo australiano, os vistos para imigrantes enfermeiros estão entre os que recebem despacho prioritário. Candidatos com menos de 45 anos podem mesmo ter visto permanente.



PATRÍCIA MOREIRA, 23 ANOS, ENFERMEIRA

Patrícia terminou o curso há ano e meio. Candidatou-se ao único concurso público que abriu, para o centro hospitalar de Vila Nova de Gaia. Não entrou por uma pessoa. Dos mais de 200 colegas na Escola de Enfermagem do Porto, diz que menos de dez estarão colocados na área.



MARISA E SANDRO, 23 E 27 ANOS, TÉCNICOS DE RADIOLOGIA

Marisa acabou o curso há um ano e nunca trabalhou. Além das dezenas de CV enviados, entrou em dois concursos públicos nos Açores e gastou mil euros nas viagens para ir às entrevistas. O namorado, Sandro, terminou o mesmo curso em Dezembro.

tos no Porto e em Lisboa para uma unidade saudita, adiantou ao i Ann Griffin, e esperam ainda colocar cem enfermeiros portugueses no Reino Unido.

INFANTIS Nem todo o feedback é bom, testemunha a CLR - Health Job. "Os candidatos portugueses, e refiro-me a enfermeiros, são mais difíceis de colocar por causa das expectativas: pensam que trabalhar no Reino Unido significa ganhar muito, no mínimo 30 mil ou 32 mil libras por ano [35 a 38 mil euros] e são exigentes nas regalias", diz o porta-voz Alex Posada. "Quando percebem que os salários não são assim tão altos, retiram as candidaturas ou desistem do processo já numa fase adiantada. São muito complicados e por vezes infantis." A sucessão de casos deste género levou alguns clientes a reclamar, pelo que decidiram fechar a divisão portuguesa e centrar-se só em Espanha. Em 2011 colocaram 12 enfermeiros na zona de Londres, a ganhar 25 mil libras ao ano [30 mil euros].

Sophie Leroy franze o sobrolho com o relato: "Não notámos muitas exigências salariais, talvez algumas sobre a localização." Mas admite que o pré-recrutamento é exigente também para evitar a decepção dos clientes: "Só seleccionamos candidatos que nos dão garantias de que vão aperfeiçoar a língua e fazer formação. Damos todo o acompanhamento mas é preciso uma grande motivação para mudar de país."

Na sala de espera no quarto piso da Alliance Française, em Lisboa, misturam-se candidatos de todas as idades.

Marisa e Sandro, namorados e técnicos de radiologia de 23 e 27 anos, vêm à procura do primeiro emprego depois de dezenas de currículos sem resposta. A emigração nunca tinha sido uma opção e o francês ainda não é famoso, mas vale tudo. M., 37 anos e especialista em medicina geral e familiar, soube do recrutamento há uma semana. Falou com o marido, psicólogo, e estão prontos para deixar o país. No centro de saúde ganha pouco mais de mil euros. Em França, a oferta para 35 horas semanais pode chegar aos 4 mil. Para J., 44 anos e também médico de família, além da actividade no hospital e numa unidade de cuidados continuados, o atractivo nem é o salário: a mulher também é médica e têm dois filhos, de dois e dez anos, que querem proteger da "precariedade".

Mais longe, na Arábia Saudita, a enfermeira Patrícia Baptista, de 38 anos, testemunha que para quem estiver disposto a arriscar "em grande", como ela, vale a pena. Trabalhou 13 anos no Hospital de S. João. Mudou-se para Lisboa em 2008 e conseguiu há seis meses licença sem vencimento no privado para emigrar por uns tempos até para fazer formação. Num dos hospitais oncológicos mais cotados no Médio Oriente está a ganhar o triplo, 3 mil euros. A maior dificuldade é lidar com a segregação das mulheres: têm de andar cobertas e com um lenço à mão para quando aparece a polícia religiosa. Na cantina do hospital há fila para homens, mulheres e famílias. "As vezes distraio-me a conversar com um colega e quando noto estão todos a olhar para mim."



Emigração na saúde. Arábia Saudita quer 100 enfermeiras portuguesas

39 mil euros livres de impostos
54 dias de férias
casa de borla

// PÁGS. 20-21

